

vila Nova de Gaia,

29 de Set. de 89

Querido amigo:

No meu regresso do Brasil, encontrei, entre a correspondência chegada durante a minha ausência, a sua carta. De lá, do Rio, lhe escrevera em um postal que não recebi para a "Câmara de Evora" provavelmente não terá recebido. Digo provavelmente, porque outros amigos aos quais na ocasião escrevi idênticos postais me afirmam não lhe terem estes chegado à caixa do correio. Quero que saiba, no entanto, que o não especi por lá. Fica só a minha palavra, talvez, que outra possa não haver, mas essa lhe bastará, creio.

Da minha estadia de homenagem - das homenagens - e tudo o mais que envolveu a minha presença em terras do Brasil lhe falarei, ainda que de forma sucinta, as duas próximas de que lhe souis filosofia. O encerramento do Congresso, que me cabia fazer, foi um momento de rara beleza (e de rara

beleza, também), que dificilmente poderei esquecer. Durante o arabe do jantar, a audiência que encheu por completo o grande anfiteatro da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (umas quatrocentas pessoas) erguem-se, a um só tempo, e aplaudem longa, decoraadamente. Havia pessoas que choravam, que soluçavam. Uma medalha apeteço, com o seu charme. Das mãs: como ai digo, o Brasil é um "país excessivo", e como excessivas devem ser entendidas a homenagem e a reação às minhas palavras. Estas tiveram pelo visto, o cuidado de tocar em qualquer fibra sensível. Foi talvez o seu acento. DE EVORA (ou de Evora) me não pode alguém alisar... muito obrigado pelas notícias que me dá e pelo belo desenho que, como diz, "se interrompe", na sua carta. Duas coisas lhe acerto muito sinceramente: o falecimento, por certo inesperado e, por isso, ainda chocante, do seu amigo bruto e o reprovável procedimento de Cesário. Com este, que em Lisboa conheci e com o qual me mantive algumas vezes no início da década de 50, perdi depois inteiramente o contacto. Há meses, reencontrei-o na casa de Serralves (piscina aqui há um livro). Dei-me a conhecer, ou melhor, a re-conhecer. Pare-

em-me distante, muito seguro de sua impor-
tância e do seu nome de consagrado poeta
e pintor da nossa época. Chorado, abandonou
a sala e não voltou à cátedra.

Vou tentar obter-lhe, aqui, um exemplar
do n.º 3 da revista Espain/Espan Escrito, edi-
tada pela deputação Provincial de Badajoz.
Lembro-me de que ele, o n.º 3, foi lançado
aí em Lisboa, antes da minha partida para
o Brasil, na livraria do "Diário de Notícias",
ao Chiado. E, se me lembro, é porque me
fiz, na ocasião, enviar cópias para estar
presente na publicação e me faltou
por várias e óbvias razões ali fosse
o meu amigo encontrar a revista. Se você, di-
za-me, que tentarei arranjar-lhe por aqui.
A verdade é que os directores da revista, que
em tempo me haviam solicitado colaboração,
nem sequer tiveram a delicadeza (qualidade
fora de moda, ao que parece) de me enviar
um exemplar...

É claro que quando aí estiver defi-
nitivamente instalado (o que, a julgar pelo
que me diz, já terá acontecido) não deixarei
de visitá-lo e de aceitar a oferta que me
faz: a de estudar algo para "avancetas",
como diz, a minha "coleção de crutcheiros"
Sixtas. Sabe como peço a sua pintura

leis, 19-2.º E.
A CODEX

LETRAS & LETRAS Porto	- 5. SET. 1986
CORREIO de COIMBRA Coimbra	
CORREIO do RIBATEJO Santarém	
CORREIO	

UNIVERSIDADE DE EVORA
Arquivo
fcs

01.216-14

Albano Martins no Brasil

Como o L&L noticiou, no seu número de Junho, realizou-se, de 17 a 21 de Julho passado, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o XXI Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, dedicado aos «40 anos de vida literária» do poeta Albano Martins.

Paralelamente ao Congresso, decorreu, entretanto, um curso sobre a «Poética de Albano Martins», ministrado pelos professores Raquel Marques Villardi Miranda, da UFRJ; Gumercinda Gonda, da UFRJ, e Salvaço Trigo, da Universidade do Porto.

Assinalando a sua estadia em terras do Brasil, o poeta foi alvo de diversas homenagens, das quais salientamos a recepção no Conselho Estadual de Cultura, do Rio de Janeiro, e na Academia Cabofriense de Letras, com atribuição do título de membro honorário desta mesma Academia.

Registraram-se ainda os seguintes acontecimentos que envolveram a participação do poeta: entrevistas concedidas à Rádio MEC, Rádio «Jornal do Brasil» e à revista «Visão», de S. Paulo; encontros com os professores da área da Literatura Portuguesa da Universidade de S. Paulo e com alunos e professores da mesma área da Universidade Federal do Rio de Janeiro; lançamento, na Livraria «Camões», do Rio de Janeiro, dos livros *A Voz do Chorinho* ou *os Apelos da Memória* e *Rodomet. Rododendro*.

Arquivam-se, em seguida, as palavras com que o poeta encerrou o Congresso acima referido:

«Que dizer? Como dizer? Este é um país excessivo — na sua rasgada cintura geográfica, na exuberância dos sóis que o aquecem, na ilimitada linha das águas que o namoram, na sua amazônica amplitude vegetal. Mas é, acima de tudo, excessivo na raiz humana do sentimento, na temperatura que faz subir a graus inimagináveis o termómetro da amizade.

Voltar aqui, estar aqui de



Com o Prof. e filólogo brasileiro António Houaiss, Rio de Janeiro, Julho, 1986.

novo, de novo abraçar os amigos, deambular de novo pelas ruas desta cidade feminina, afrodisíaca, sentir-lhe as aceleradas pulsações, cingir-lhe, com o olhar, o corpo largo, derramado, subir de novo aos morros — seus peitos altos, túrgidos — e outra vez tocar o tecto deste céu tropical molhado de exóticos perfumes — tudo isso é já privilégio raro. Rara, mais rara é, porém, a homenagem que aqui, à luz destas lâmpadas diurnas, se presta a um poeta vindo do outro lado do Atlântico, arfando ainda de emoção e mal refeito da vertigem das alturas. Vertigem maior esta, sim, quando sobre ele, poeta, recaem perscrutadores — atenciosos, atentos — os olhares e as vozes. Quando a sua obra se vê assim nomeada, distinguida, engrandecida pelo esplendor das análises, iluminada pelo fulgor de outras vozes. E o poeta, que é humano, e vibrátil, e frágil, suporta ou encara com dificuldade a honra e a distinção que assim se lhe presta. Sabe ele, com efeito, desde há muito, que são transitórios os juízos, precárias as avaliações. Tivesse ele, como o poeta latino Horácio, a convic-

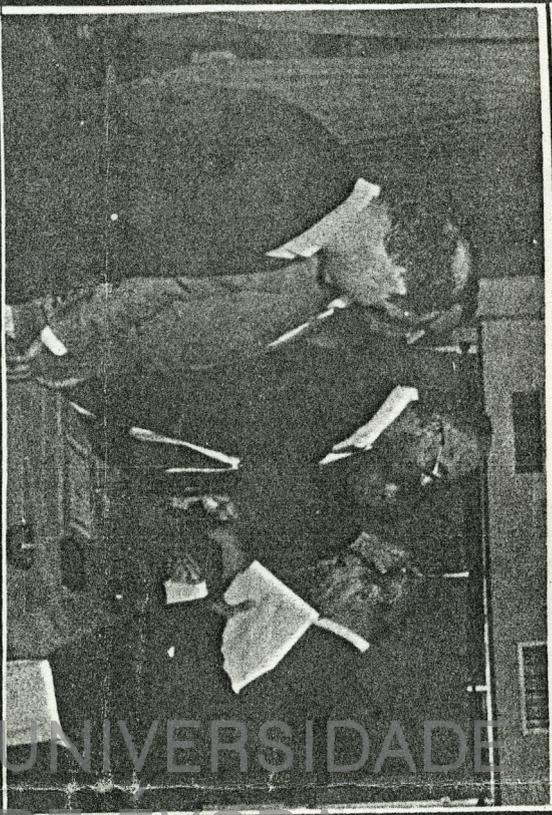
ção segura de que erguera «um monumento mais duradouro do que o bronze e mais alto que as pirâmides reais», ou pudesse ele, como faz o sulmonense Ovídio, no epílogo das suas *Metamorfoses*, afirmar, com a mesma convicção: «Terminei uma obra que nem a cólera de Júpiter, nem o fogo, nem o ferro, nem o tempo voraz poderão destruir» — então, sim, certa lhe pareceria a homenagem; a distinção, acertada. Mas não: o poeta que aqui veio e aqui está, chamado ao vosso convívio por apelo generoso e generosa intenção, é um inventado cartesiano que fez da dúvida o seu método, da perplexidade o seu sistema. Poeta pela graça dos deuses, tem assumido essa condição ocupando os minutos de diálogo consentido a interrogá-los, a interrogar a essência do real. Servindo-se desse lábil instrumento que é, também ele, dádiva sua: a linguagem. Arquitectando ritmos, sonoridades, na perseguição dessa música inefável — inaudível — que vem das fontes mais secretas do ser, regula o curso dos astros e faz do dia noite, da noite, dia. Tangendo a harpa das palavras para soetrar

apenas, apenas balbuciar, pressentir apenas, na antecâmara do escuro; a melodia do silêncio.

40 anos de vida literária (permitam-me que diga antes: 40 anos de poesia) traduzem-se, afinal, em bem pequena herança: uma dúzia de livros publicados. E breves, e leves, como a plumagem das aves. Isso digo, ao que julgo, num poema inédito que para aqui convoco: «Deixo/em herança apenas/estas asas implumes e um painel/com os aros de Saturno». Asas implumes — as minhas. As nossas, se não me engano. Ícaros da fábula — de todas as fábulas —, sempre os homens sonharam atingir, a «golpes de asa», o coração do sol. Mas sempre, derrotados, tombaram no pélogo, que asas sem penas não escapam à universal tendência assinalada pela lei da gravidade. E, barqueiros do efémero, no rio Letes ou no «estígio lago» camoniano nos perderemos, sem bússola e sem remos. Mas se um verso meu — um verso que seja — tiver força para resistir aos desvarios e às erosões do tempo — do «tempo voraz» —, então já poderei exclaimar, como o venusino Horácio: *Non omnis moriar* — «não morrerei inteiramente». Só os deuses, que tudo sabem e decidem, poderão dizê-lo. A nós, em nossa surda impotência, cumpre-nos quivi-lo e aceitá-lo. Bichos que somos da terra vis e tão pequenos, como quer o Poeta.

Muito obrigado a todos. Em primeiro lugar, ao Prof. Leodegário, meu querido Amigo, mestre de camonistas e mestre, sobretudo, na suprema arte de humanidade que é a sua. Em segundo lugar, aos que, de perto ou de longe, aqui vieram para, com a sua palavra eloquente e a eloquência do seu gesto, dar voz ao silêncio. E obrigado, por último, a todos quantos, vindos aqui também, ouvintes ou espectadores, honraram com a sua presença este Congresso, e a mim sobretudo e sobremaneira me honraram.» □

HOMENAGEM



O Presidente da Academia Cabofriense de Letras quando colocava o colar Académico no poeta português Albano Martins, da esquerda para a direita, o professor Salvato Trigo da Universidade do Porto, o Comandante da Base Aerea Naval de São Pedro da Aldeia. Capitão de Mar e Guerra Carlos Alberto Pinto, o Dr. Demócrito Azevedo, Presidente da Academia Cabofriense de Letras, e a professora Maria do Carmo Henriques Salido, da Universidade Santiago da Compostela, Galiza.

*** A Academia Cabo-
friense de Letras, rea-
lizou no dia 24 de ju-
lho no Malibu Palace
Hotel uma sessão sole-

ne extraordinária, em
homenagem ao Poeta
Português Albano Mar-
tins. Na oportunidade,

foi-lhe outorgado o
Título de Membro Hono-
rário da Academia Ca-
bofriense de Letras. O
Poeta, que está come-
morando 40 anos de vi-
da literária, foi sau-
dado pelo Professor
Titular de Literatura
e Língua Portuguesa da
UEG, Leodegário Aze-
vedo, que é também
Membro da Academia Ca-
bofriense de Letras, e
em seguida teve sua
poesia comentada pelo
Professor Salvato Tri-
go da Universidade do
Porto. Estiveram tam-
bem presentes ao even-
to, a Professora Maria
do Carmo Henriques Sa-
lido e o Professor Jo-
sé António Souto Cabo
da Universidade de
Santiago de Compostela
(Galiza). O poeta Al-
bano Martins publicou
seu primeiro livro de
poemas em 1950, cha-
mado Secura Verde; em
1967 Coração de Bussó-
la; em tempo e Memó-
ria, 1974; Paralelo ao
Vento, 1979; Incócre-

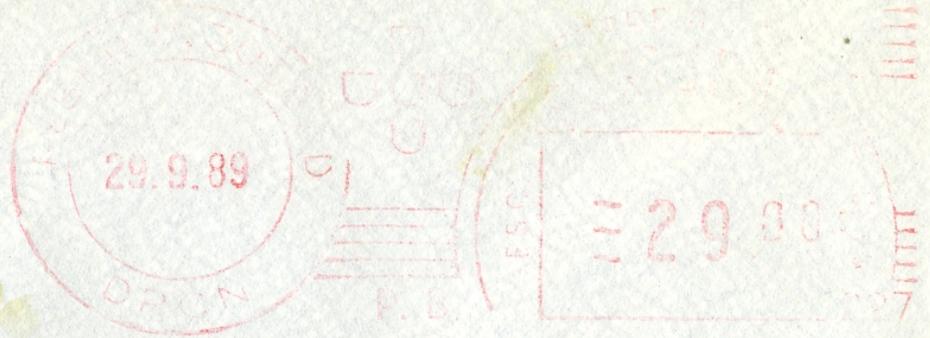
tos Dominios, 1980; Os
Remos Escaldantes,
1983, Sob os Limos,
1986; Poemas só Retor-
no, 1987; Vertical o
Desejo, 1988; Cantico
dos Canticos de Salo-
mão, 1988; e a publi-
car: Vocação do Silen-
cio e os Patamares da
Memória.

Albano Martins ob-
teve o premio de tra-
dução da Sociedade de
Língua Portuguesa de
Lisbõa com as obras; O
Essencial de Safo, e
Os Cantos de Giacomo
Leopardi. É mister
destacar, o livro do
Poeta, chamado a Voz
do Chorrinho ou Os Ape-
los da Memória, aonde
Albano Martins dedica
um capítulo à CABO
FRIO (que conheceu em
1985), chamado "POS-
TAIS DE CABO FRIO".

O evento teve o
patrocínio da Prefei-
tura Municipal de Cabo
Frio, Câmara Municipal
e Refinaria Nacional
de Sal.

ALBANO MARTINS

R. Fernão de Albuquerque, 167
4400 VILA NOVA DE GAIA



Piutor
Cruzeros Slixas
Rua Vitor Gordon, 45 B, 4.º Dto -
Sala H

01.216.14

UNIVERSIDADE
DE EVORA

1200 LISBOA

